

## Editorial

Diversidade: característica daquilo que não é monolítico, monocromático, mas, sim, plural, polimorfo, polifônico, polissêmico, sugerindo tensão, movimento e, ao mesmo tempo, harmonia. A diversidade nos constitui como espécie humana e como indivíduos, grupos sociais e culturas e, desse modo, ela está presente em todos os aspectos humanos. Assim, o paradoxo da semelhança e da singularidade seria apenas uma questão de perspectiva ou de aparências? O fato é que diferenças, essenciais ou não, nos levam à necessidade de respeitar a diversidade nem sempre sob o signo da tolerância, pois, conforme o educador argentino Carlos Skliar (2006), tolerar o outro (a alteridade) pode significar que esse outro é moralmente censurável, detestável, e que somos generosos ao lhe permitir continuar vivendo na condição de diversidade e adversidade. Melhor será respeitar o direito à diferença como um direito natural, assim como somos todos iguais em nossa humanidade.

Diante dessas considerações, o presente número da revista *Polyphonia* tem como objetivo discutir o tema “Diversidade na escola”, que constitui um desdobramento do volume anterior que tratou da questão da “Inclusão escolar”. Dentre as inúmeras abordagens ao se confrontarem os temas “inclusão” e “diversidade”, é importante discutir se a diversidade, seja ela social, racial, étnica, cultural, sexual, linguística, religiosa etc., está efetivamente contemplada como questão escolar, ou seja, no âmbito das práticas pedagógicas. Em outras palavras, trata-se de discutir até que ponto há de fato inclusão da diversidade na escola.

Os textos que compõem este dossiê abordam o tema em questão de maneira bastante interessante, justamente porque constituem um conjunto de reflexões que aparentemente tendem a constatar a dificuldade ainda persistente de se efetivar a inclusão da diversidade no universo escolar.

Como abertura deste dossiê temos o artigo “Práticas educativas sobre diversidade sexual no ambiente educacional: possível ou ainda uma utopia?”, de Clodoaldo Fernandes e Ivonete Bueno dos Santos. O texto analisa, na materialidade linguístico-discursiva de alguns recortes advindos de três artigos sobre a diversidade sexual no contexto escolar, os efeitos de

sentido que perpassam os seus principais pontos em comum e a recorrência de vozes que entrecruzam as práticas discursivas nesses trabalhos sobre tal temática.

Em seguida, o artigo “O papel da escola frente à diversidade cultural expresso em documentos nacionais”, de Alice Felisberto da Silva e Jacira Helena do Valle Pereira, analisa documentos nacionais relativos à educação, considerando o pluralismo cultural. Os autores verificam que, embora haja um amplo contingente de documentos que abordam a questão da diversidade cultural na educação, a discussão parece estar desvinculada da realidade de desigualdade arraigada nas relações socioeconômicas; à escola é atribuído o papel de lidar com as diferenças, apesar de todas essas vicissitudes.

Por sua vez, o texto “A terceira idade no contexto das políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos (1988-2011)”, de Danilo Rabelo e Simone C. Rodrigues da Silva, aborda os mecanismos de exclusão dos sujeitos idosos no contexto das políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e considera também que, apesar das mudanças com a implantação do Estatuto e da Política Nacional do Idoso, da Constituição e da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), constata-se, pelos dados do IBGE de 2010 sobre o analfabetismo, que o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer para oferecer aos jovens, adultos e idosos um ensino de qualidade.

A dicotomia inclusão/exclusão de alunos é foco de reflexão em três textos. O primeiro intitulado “Sobre altas habilidades/superdotação: o direito de ser diferente na escola”, de Anna M. C. Benite et al., ocupa-se de considerações a respeito do conceito de altas habilidades/superdotação, apresentando um panorama histórico sobre o atendimento a estes alunos e fazendo esclarecimentos sobre as políticas públicas educacionais nacionais que orientam esse atendimento e sobre o Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S), que surgiu recentemente, com intuito de atender essa especificidade da inclusão escolar. O segundo artigo “A avaliação escolar na perspectiva inclusiva: o texto escrito em língua portuguesa por alunos surdos do 3º ano do ensino médio de Goiânia”, de Leosmar Aparecido da Silva e Maria Luísa Mendes, investiga a avaliação escrita de alunos com deficiência auditiva, que frequentam o ensino médio de uma escola estadual de Goiânia, procurando destacar a construção linguística e a construção dos sentidos pretendidos pelos alunos. Já o artigo “Educação inclusiva e prática pedagógica: um estudo de caso com professores de alunos

com deficiência mental no ensino fundamental”, de Elaine Cristina Batista Borges de Oliveira, analisa os caminhos utilizados por professores do ciclo II do ensino fundamental de uma unidade escolar da região de Marília-SP, no trato com a inclusão dos alunos com deficiência mental, constatando a existência de um distanciamento entre a teoria e a prática pedagógica dos docentes quanto à ação inclusiva, bem como o desinteresse em efetivar ações pedagógicas para uma prática em favor dos alunos com necessidades educativas especiais.

O dossiê também apresenta uma investigação sobre a inclusão da diversidade de gênero, raça e geração no ensino de história na cidade de Morrinhos, sul de Goiás, no texto “Limites e desafios no ensino de história: um olhar sobre os saberes, as práticas e a formação em Morrinhos-GO”, de Allysson Fernandes Garcia et al. Neste artigo os autores pesquisam junto aos professores de história daquela cidade os saberes escolares, os saberes ensinados e as práticas, a formação de professores, para discutir até que ponto a diversidade de raça, gênero e geração tem sido contemplada nos currículos.

A questão da diversidade religiosa é abordada no estudo “O ensino religioso nas escolas públicas estaduais de Aparecida de Goiânia: entre discursos e práticas”, de Évely Adriana de Lima Lopes, que realizou uma pesquisa de campo sobre o ensino religioso na escola pública estadual em Goiás, especialmente na cidade de Aparecida de Goiânia, buscando, entre outros objetivos, uma compreensão sobre o direito à individualidade e à manifestação livre de opiniões no *ethos* escolar público e laico. Trabalha ainda as concepções teóricas, históricas e fundamentais sobre a escola pública, como espaço microssocial e, portanto, *locus* privilegiado de convivência, hospitalidade e diálogo, bem como a questão da tolerância versus boa convivência, do fundamentalismo, criacionismo e evolucionismo na escola.

Ainda tratando da diversidade sexual e de gênero no ambiente escolar, o professor Newton Freire Murce Filho realizou uma entrevista com os professores Dr. Camilo Braz, Dra. Eliane Gonçalves e Dr. Luiz Mello, da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, que compõem o Núcleo de Estudos e Pesquisas “Ser-Tão”. O referido núcleo tem como objetivo principal a produção e a divulgação de conhecimentos voltados à promoção da equidade de gênero e à garantia de direitos sexuais. A entrevista “Para uma educação que aceite e respeite as diferenças” contém depoimentos importantes sobre a relação entre diversidade sexual e de gênero, a educação e o ambiente escolar propriamente dito.

Para tratar da diversidade cultural na escola, o professor Danilo Rabelo entrevistou uma especialista no assunto: a professora Olga Rosa Cabrera Garcia. Na entrevista intitulada “A diversidade cultural é um direito humano”, Olga Cabrera, que desenvolve diversos projetos no Brasil e no exterior sobre diversidade cultural, étnica, religiosa e de gênero, trata desses assuntos enfocando tanto o Brasil quanto a Colômbia e a Espanha.

Além do dossiê “diversidade na escola”, outros artigos sobre metodologias de ensino na educação básica compõem o presente número de *Polyphonia*. Por meio de um projeto interdisciplinar em uma escola de educação integral de Águas Lindas-GO, o texto “Interdisciplinaridade: um diálogo da língua inglesa moderna com a educação integral através de oficinas pedagógicas”, de Mercês P. Cunha Mendonça et al., debate a educação integral articulada às experiências vividas pelos alunos para a aprendizagem da língua inglesa, a começar pelo uso de estrangeirismos do cotidiano, bem como a necessidade da interdisciplinaridade na formação do aluno.

As tecnologias de informação e comunicação aplicadas em sala de aula de uma escola pública de Goiânia são analisadas por Layssa Gabriella Almeida e Silva no artigo “Poesia na rede: as novas tecnologias no ensino de língua inglesa”. Neste artigo a metodologia de ensino empregada foi o debate de poemas em língua inglesa por meio do correio eletrônico (e-mail) como suporte didático e midiático para o ensino de língua estrangeira.

O uso de tecnologias também foi debatido por Ana Maria da Conceição Silva e Matilde Gonçalves da Penha no artigo “O uso das tecnologias no ensino fundamental: novos desafios para o professor de educação física em uma escola pública de Goiânia”. Ao recusar a visão tradicional de educação física como disciplina prática para a saúde corporal por meio de esportes, as autoras debatem a necessidade de maior utilização das tecnologias no ensino desta disciplina com base nos dados de uma pesquisa realizada com professores e alunos do ensino fundamental em Goiânia.

A obra de Edgar Morin representa um novo paradigma no pensamento e na educação, uma vez que propõe, especialmente, o fim da compartimentação excessiva das disciplinas e uma abordagem que considere o pensamento complexo, sem hierarquias de conhecimento. O artigo “A teoria da complexidade e o seu princípio educativo: as ideias educacionais de Edgar Morin”, de Bruno Pedrosa Lima e Silva, apresenta uma introdução ao pensamento complexo de Morin e discute a necessidade de que o processo

de compreensão complexa do mundo se inicie no âmbito da educação, por meio da conscientização e do estímulo à autonomia e à crítica.

Desde o retorno da Filosofia à educação básica, especialmente após a sanção da Lei n. 11.684, de 2 de junho de 2008, que determina a expansão das aulas de Sociologia e Filosofia para todo o ensino médio, a metodologia é questão muito debatida. Afinal, é preciso ensinar filosofia e/ou ensinar a filosofar? No artigo “Ensinar a filosofar no ensino médio: uma proposta metodológica”, de Maria Helena Ferreira Goulart, esta questão é debatida tendo por base Hegel e Kant, na procura de um método eficiente para as aulas de filosofia. Além disso, o referido artigo também discute a formação inicial de professores.

A ideia de que a literatura é imprescindível para a formação humana é consensual entre os professores. Mas como tratar a literatura no ensino fundamental? O artigo “Experiência docente com literatura no ensino fundamental”, de Leandro Bernardo Guimarães, propõe debater os problemas que rondam a presença da literatura na escola e as possíveis soluções e procedimentos pedagógicos que aproximem o aluno do texto literário. Essa discussão teórica e metodológica é enriquecida com a experiência realizada pelo autor no Cepae, com o trabalho de contos literários em sala de aula.

Duas resenhas são apresentadas neste número. A primeira, escrita por Edson Silva, trata do livro *Cultura, identidade e território no Nordeste indígena: os Fulni-ô*, organizado por Peter Schröder e publicado pela Editora Universitária UFPE. Com o título “Os Fulni-ô: múltiplos olhares em uma contribuição para o reconhecimento das sociodiversidades indígenas no Brasil”, a resenha considera importante o abandono do exotismo presente nos sete artigos da coletânea, a possibilidade de dar voz e visibilidade aos povos indígenas no nordeste brasileiro e o subsídio aos professores para atender as exigências da Lei n. 11.645/2008 de 10 de março de 2010, que institui a obrigatoriedade da temática indígena na educação básica.

A outra resenha, de Fabrício Cordeiro dos Santos, intitulada “Murro em parede”, trata do filme *Entre os muros da escola (Entre le murs)*, de Laurent Cantet (França, 2008). Premiado com a Palma de Ouro no Festival de Cannes e baseado no livro semiautobiográfico de François Bégaudeau, o filme apresenta os problemas que um professor de francês enfrenta em uma sala multiétnica e indisciplinada.

Nesta oportunidade, agradecemos a todos que participaram desta edição, em especial aos professores Dr. Camilo Braz, Dra. Eliane Gonçalves,

Dr. Luiz Mello e Dra. Olga Cabrera, pelas entrevistas concedidas. Desejamos também aos leitores uma boa leitura.

*Newton Freire Murce Filho*  
*Danilo Rabelo*

### **Referência**

SKLIAR, C. A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. In: RODRIGUES, D. (Org.) *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006. p. 15-34.